

Barbara Bretton

# SONHOS ENCANTADOS

Tradução  
Maria Filomena Duarte

*Quinta Essência\**



# 1



## CHLOE SUGAR MAPLE, VERMONT

Que faria se as pessoas de quem gostasse, os sítios que conhecesse, desaparecessem sem avisar? A sua cidade, a sua casa, a loja de lãs que construiu a partir do zero, os seus melhores amigos, os seus inimigos, os marcos familiares que fizeram parte do seu mundo desde que nasceu, todos eles se eclipsassem da face da Terra num abrir e fechar de olhos?

Talvez pensasse que tinha bebido de mais ou que alguém tivesse acrescentado um cogumelo esquisito à sua salada quando você não estava a olhar. As pessoas desaparecem. Os gatos e os cães desaparecem. As chaves do carro, os marcadores de tricô, os nossos óculos de sol preferidos.

Mas não a nossa terra natal.

As terras natais não são portáteis. Não podemos transportá-las na caixa de um camião e levá-las para outro sítio. De vez em quando, a Mãe Natureza mete a mão no seu saco de truques e testa o vigor de uma pequena vila. Envia tornados e tempestades de neve, incêndios e inundações e depois observa, admirada, o modo como as pequenas vilas se vergam, mas resistem.

E decerto nunca desaparecem sem deixar rasto.

Pelo menos era o que eu julgava até me acontecer isto.

Sou Chloe Hobbs, uma feiticeira-em-formação semi-humana. Quando não estou a estudar o *Livro dos Feitiços*, podem encontrar-me na Sticks & Strings, a minha loja de lãs tremendamente popular, ou no edifício da Câmara, onde exerço as funções de presidente *de facto* de Sugar Maple, uma pequena vila turística no Norte de Vermont.

Mas há muito mais coisas em Sugar Maple que saltam à vista. A nossa fachada pitoresca esconde realidades que podem pôr em perigo a nossa existência. Sugar Maple é habitada pelos descendentes de seres oprimidos que fugiram de Salem durante os Julgamentos das Bruxas. Desesperada por encontrar um refúgio, a minha antepassada Aerynn conduziu outras almas em perigo para uma cidade índia a norte, chamada Sinzibukwud, onde foram recebidas de braços abertos e com generosidade.

A nossa loja de ferramentas pertence a uma família de lobisomens. A nossa bibliotecária principal é uma magnífica *troll* norueguesa. As minhas melhores amigas são um ser metamórfico e uma feiticeira. É uma família de vampiros que se ocupa da agência funerária. E quem podia esquecer Forbes, o Gigante da Montanha, que é sonâmbulo?

E esta é somente uma pequena parte da nossa população atual.

De uma maneira geral, o lado humano da minha linhagem não me favorece em relação aos outros habitantes da vila, mas dá jeito quando temos de lidar com os burocratas de Montpelier. Com raras exceções, não fomos chamados a lidar com eles ao longo do tempo, mas ultimamente parece que estamos a receber mais do que a nossa dose de atenção da gente bem-pensante da capital do estado.

A morte chocante de uma turista chamada Suzanne Marsden em Snow Lake, em dezembro passado, é um bom exemplo. Penso que havíamos voado abaixo do radar durante

tanto tempo que nos tínhamos tornado complacentes. Durante séculos e séculos tínhamos sido uma vila sem criminalidade e por isso estávamos desprevenidos. Esquecíamos que o mal existia realmente e que por vezes estava ali mesmo ao nosso lado.

A única coisa boa que resultou dessa tragédia foi Luke MacKenzie. Luke é cem por cento *Homo sapiens* e o nosso recém-cunhado chefe da polícia.

Mais importante ainda, ele é também o amor da minha vida, um facto a que os ouvidos coletivos de Sugar Maple parecem estar muito atentos.

Isadora, a poderosa chefe das fadas da Nova Inglaterra, nunca fora uma das minhas maiores fãs, mas de certo modo tínhamos conseguido coexistir até ao dia em que Luke chegou para investigar a morte de Suzanne.

Daí em diante, Isadora e eu entrámos em guerra. Só de pensar que um ser humano de carne e osso vivia em Sugar Maple ela ficava à beira de um ataque de nervos e resolvia arranjar uma maneira de empurrar a vila para o outro lado do nevoeiro, para o reino das fadas, onde podia reinar em todo o seu esplendor.

Ela percebeu antes de mim que o amor era a chave para abrir a feiticeira que me habitava e que os meus poderes emergentes transformariam a nossa luta numa guerra entre (quase) iguais. Julguei que tinha conseguido bani-la em dezembro, mas subestimei a necessidade de vingança da fada guerreira. Ela conseguiu atravessar o escudo do banimento e esta noite, num daqueles momentos que só acontecem uma vez na vida, quando o Sol e as estrelas se encontravam em alinhamento mágico e eu me sentia mais vulnerável do que nunca, atacou.

Não vos vou mentir. Esta noite, foi o toca-e-foge durante algum tempo, enquanto lutávamos pelo espírito de uma menina e pelo futuro de Sugar Maple. Quando a terra começou a tremer e aquele desvairado espetáculo de luz atravessou o céu e a

ex-mulher de Luke... bem, digamos que me vi obrigada a apelar a todos os segredos do *Livro dos Feitiços* a que tive acesso para sair vencedora.

Não é para me gabar nem nada que se pareça, mas, no espaço de uma hora terrena, travei a luta da minha vida, derrotei a minha arqui-inimiga, reuni mãe e filha e salvei a minha terra natal de uma certa catástrofe. Por fim, sincronizei-me com a minha magia. A parte não humana da minha linhagem já não me assustava. (*Okay*, talvez ainda me assustasse um pouco, mas eu ia no bom caminho.)

E, melhor ainda, não assustava Luke. Automóveis voadores. Cascatas encantadas. Demónios com um machado na mão, prontos a atacar. A maioria dos outros humanos do sexo masculino teria zarpado assim que se visse transformada num boneco Ken, mas não Luke. Ficou ali, suportou tudo e há poucos minutos pronunciou as palavras que sempre desejei ouvir.

*Já não estás sozinha.*

Chloe Hobbs, a mulher que passara toda a sua vida bastante só, encontrara finalmente a sua alma gémea. Agora, quando eu encarava o futuro, via uma casa e uma família, o que, para uma mulher Hobbs, é o verdadeiro pote de ouro no extremo do arco-íris.

As mulheres Hobbs só amam uma vez. Sei que isto parece um disparate e próprio do século XVIII, mas fomos feitas assim. Quando uma descendente de Aerynn se apaixona é para sempre e nem toda a magia do universo chega para alterar esta simples realidade. Não seria de pensar que uma de nós tivesse conseguido sair-se bem em três séculos?

Mas nenhuma mulher Hobbs alcançara tal proeza até agora.

Luke amava-me por aquilo que eu era, com poderes mágicos e tudo, e não pretendia modificar-me. Sabia que o meu destino estava amarrado à minha singular vitória de Vermont e convivia bem com isso. Para meu deleite, gostava tanto de Sugar Maple como eu e ansiava construir um futuro comigo.

A luta com Isadora fora decisiva e brutal. Ela atirou Luke contra as rochas várias vezes quando ele tentava salvar a alma da filha da condenação eterna e eu fiquei aterrada ao pensar que o corpo-totalmente-mortal dele sucumbiria ao castigo que Isadora pusera no seu caminho. Os meus genes de feiticeira protegeram-me do pior dos ataques de Isadora, mas o meu lado humano ainda se ressentiu.

Por fim, liguei o poder dos meus antepassados ao futuro predestinado do sistema solar e bani a líder das fadas para sempre ou até o Sol morrer. O que acontecesse primeiro. Fosse qual fosse o ponto de vista, ela passara à história.

E agora o resto da minha vida podia começar. Luke e eu íamos instalar-nos na casinha acolhedora que eu herdara da minha mãe adotiva, Sorcha. Ele manteria a vila livre de todo o mal, nomeadamente de burocratas metedidos e turistas desordeiros. Eu desenvolveria o meu negócio de fios para tricô e, juntos, traríamos ao mundo outra geração de mulheres Hobbs.

Com um pouco de sorte (e talvez um toque de magia), quiçá acabássemos por vir a ser um daqueles maravilhosos casais de idade que jantam às quatro da tarde e terminam as frases um do outro. Contemplei o homem que amava e enterneci-me. Então, era assim. Quem diria? Ele tinha o olho esquerdo quase fechado devido ao inchaço, um golpe profundo na face que lhe chegava ao canto da boca e estava todo sujo. Respirava a custo e andava devagar, tentando evitar que a dor nas costas magoadas levasse a melhor.

Reparou que eu o observava.

– Tu não estás com um aspeto muito melhor – disse ele com um sorriso cansado.

– Para mim, estás ótimo – respondi. Ele estava vivo. Não muito mais do que isso.

– Crepes de mirtilo – retorquiu e eu ri-me. – Uma grande pilha com ovos, bacon e cinco litros daquele xarope de que vocês andam sempre a gabar-se.

– Nada de crepes – decidi eu. – Quero uma omeleta grande e fofa com *cheddar* derretido e pimentos *jalapeño*. – Quem havia de dizer que combater as forças do mal deixava uma rapariga tão esfomeada?

– Muito café.

– Com natas e açúcar – acrescentei. – Este não é o momento para contar calorias.

– O Fully Caffeinated só abre daqui a uma hora, pelo menos – disse ele.

– Para quê o Fully Caffeinated? Eu faço um pequeno-almoço vulgar.

Ele mostrou-se cético. Não o censurei. Até agora a minha dependência da Food Network não se traduzira em mais do que uma fantasia com manteiga e alho.

– Tu preparas os crepes. Eu trato dos ovos – disse ele.

A situação era cada vez melhor. Nós éramos o casal de sonho por excelência. Conseguíamos defrontar demónios e confeccionar ótimos pequenos-almoços sem falhar. Se ser feliz era isto, eu podia habituar-me, sem dúvida.

Estão a perceber onde isto me leva? Eu devia saber que era bom de mais para ser verdade.

Os primeiros raios de sol da manhã atravessavam as copas das árvores enormes quando nos aproximámos da clareira a menos de seis metros mais à frente. Ouvi um restolhar de folhas à minha esquerda e o piar ténue de um mocho algures ao longe. Estávamos quase a chegar a casa.

O final feliz que os meus antepassados haviam procurado estava ao meu alcance. A meu lado, Luke pegou-me na mão e senti o círculo dourado a fechar-se à nossa volta. Era isso. Este era o meu caminho. Este era o meu destino.

O matagal era denso. Seguiu-o em direção à clareira. A posição dos ombros de Luke alterou-se e o silêncio que se instalou à sua volta quase lhe fez perder a força nos joelhos.

Virou-se para mim. Olhámos um para o outro. Não foi preciso ele pronunciar as palavras porque as senti entranhadas nos ossos.

Sugar Maple desaparecera.

## 2



CHLOE

*P*assei por Luke, fiquei a olhar para a extensão de terreno aberto na direção de Sugar Maple e varreu-se-me literalmente tudo da mente.

Nenhum inferno devastador engolira a vila reduzindo-a a um monte de cinzas. Nenhum tornado esfrangalhara os edifícios transformando-os em palitos. Nenhuma inundação súbita arrastara as casas, os estabelecimentos e os seres grandes e pequenos.

Sugar Maple... desaparecera.

Era como se a vila nunca tivesse existido. Nem caminhos, nem trilhos. Somente árvores maduras e mato cerrado no espaço que Sugar Maple ocupara outrora.

No sítio em que antes se erguia uma vila só havia ervas e árvores. Nem plantas nem árvores novas. As ervas eram densas e o verão exuberante, apesar de o fim do inverno ainda vir longe. As copas das árvores chegavam ao céu e os ramos despontavam furiosamente semanas antes do tempo. Avistei ao longe as montanhas que rodeavam Sugar Maple.

O meu cérebro fechou-se. A minha cabeça encheu-se de ruído branco. De repente, eu estava em movimento, atravessava o campo

aberto com Luke no meu encalço e corria para o sítio onde antes existia Sugar Maple.

Não sei se foi a adrenalina, a magia ou talvez uma combinação sobrenatural de ambas, mas passei-lhe o recibo. Podia ter sido qualificada como *sprinter* para os Jogos Olímpicos. Quase a chegar... quase a chegar... mais uns metros...

Pás!

Nem sei ao certo como aconteceu, mas, quando me preparava para atravessar o denso arvoredado que antes assinalava a entrada em Sugar Maple, fui içada por uma onda invisível e empurrada para trás, a voar, na direção de Luke.

O homem que eu amava deixou escapar um ronco quando choquei com ele e caímos os dois no chão com um ruído surdo. Fiquei ali deitada em cima dele, a tentar recuperar o fôlego, enquanto ele revirava os olhos.

Desembaracei-me de Luke como se ele estivesse em chamas.

– Estás bem, Luke? Diz alguma coisa! Estás bem?

Ele gemeu e as suas órbitas voltaram à posição inicial.

– Que diabo foi aquilo? – perguntou assim que se recompôs. – Parecia que estavas a fazer *windsurf*.

– Era exatamente o que parecia.

– Não saias daqui – disse, levantando-se devagar. – Vou ver o que se passa.

– Não julgas mesmo que vou ficar aqui, pois não?

Ele abanou a cabeça.

– Fiz o meu melhor.

Ao vê-lo todo concentrado e profissional, era quase possível farejar o polícia que havia nele. Senti-me como se fizesse parte do episódio de um dos meus espetáculos preferidos.

O pior foi a falta de cuidado. Ele aproximou-se do perímetro daquilo que antes era Sugar Maple com uma precisão fria e metódica. Fiquei desvairada. Desatei a correr para uma pequena abertura no renque de árvores e desta vez choquei

com a espuma invisível da memória dotada de mente própria.

Fui projetada para trás pelo ricochete e sugada outra vez por uma força desconhecida. Quanto mais eu lutava, mais ela me agarrava. Tentei perfurá-la com as unhas, mas foi como perfurar gelatina. Tentei abocanhá-la, dar um pontapé, esmurrá-la, mas de nada serviu.

Custou-me a encher o peito de ar. Os pulmões estavam vazios, esgotados devido ao esforço. Tentei gritar por Luke, mas não saiu nenhum som. *Larga-me larga-me larga-me...*

Umhas mãos fortes agarraram-me pelos tornozelos e puxaram-me com força. Recuei como um elástico, fui projetada para cima e para a frente e caí sobre o flanco direito, com a perna dobrada.

Luke examinou-me para ver se estava ferida, mas, tanto quanto nos pareceu, a única lesão era o que restava da minha dignidade.

– Obrigada pela ajuda, mas como sabes eu podia ter saído dali pelos meus próprios meios – disse eu quando nos reunimos.

– Podias?

– Mais cedo ou mais tarde, seria capaz.

– Mais cedo seria o ideal.

Nada a argumentar.

– Porque não tentas? – sugeri. – Talvez um humano consiga.

Ou talvez não.

Ele foi acionado como uma bola. Fez ricochete entre muros invisíveis e depois derrapou até parar a uns seis metros de mim. Senti uns remorsos terríveis por sugerir sequer que tentasse. Luke era grande e forte mas não passava de um humano. Havia limites para a dose de castigo que o seu corpo mortal conseguia suportar.

Voltámos à estaca zero e eu já não estava convencida de que houvesse outra estaca.